



# O T E R R O R

ARTHUR MACHEN

TRADUÇÃO E NOTAS DE  
SUSANA CLARA E JOSÉ MANUEL LOPES



SAÍDA DE EMERGÊNCIA  
Para quem quer fugir da rotina





## **ÍNDICE**

9	<b>O TERROR</b>
101	<b>A MÃO VERMELHA</b>
133	<b>O GRANDE RETORNO</b>



## PREFÁCIO

### 1. Algumas notas biográficas

Arthur Machen, cujo nome de baptismo era Arthur Llewelyn Jones (1863-1947), sendo Machen o apelido de solteira de sua mãe, é um escritor galês que atingiu o auge da sua carreira no mundo anglófono, na última década do século XIX, com a publicação de uma série de contos que poderíamos inserir no Fantástico Vitoriano. Nestes contos ou novelas, que se apresentam na maior parte das vezes como romances condensados, vários elementos se cruzam, capazes de revelarem o seu interesse pelas tradições celtas, pela colonização romana da Inglaterra e do País de Gales, bem como por uma complexa tradição de contos orais, em especial da sua região, mas de matriz profundamente europeia. De facto, a sua estreia literária data de 1881, com a publicação de *Eleusinia*, um longo poema sobre os Mistérios de Eleusis.

Já residente em Londres, Machen torna-se um conhecido tradutor para inglês de certos marcos da literatura francesa, como o *Heptameron* de Margarida de Navarra, e as famosas *Mémoires* de Casanova, a ponto de essas mesmas traduções virem a adquirir, durante largos anos, um estatuto de «traduções consagradas» não muito diferente das traduções de Baudelaire, para francês, dos contos de Edgar Allan Poe.

Todavia, foi na década de 1890, com a publicação de «O Grande Deus Pã» numa reconhecida editora londrina, que ele se tornou mais conhecido como um «escritor decadentista» e uma voz bem emblemática da sua época. Esta novela, de chocante conteúdo mórbido e sexual, em breve conheceu uma segunda edição e obteve uma grande popularidade. Efectivamente, é nesta mesma década que ele publica os outros contos/novelas que incluímos no presente volume: «A Luz mais Interior» em 1894, «A Novela da Chancela Negra» em 1885, bem como uma primeira versão do famoso «O Povo Branco», cuja presente tradução se baseia no texto revisto pelo autor, em 1904.

O alvor do século XX é-lhe marcado pela morte da sua primeira mulher, que morre de cancro em 1899, após um longo período de sofrimento. Um ano mais tarde, Machen ingressa na já lendária Ordem Hermética da Aurora Dourada, continuando a publicar outros contos que poderíamos inserir no mesmo género. O ponto de viragem dá-se

talvez já durante a Primeira Guerra Mundial, em que Machen, como jornalista a tempo inteiro, adopta uma atitude mais realista, ainda que o seu conto «O Terror», publicado em 1917, tenha elementos fantásticos. Curiosamente, trata-se do conto por detrás do filme *Os Pássaros* de Alfred Hitchcock, a ser publicado como parte de um segundo volume nesta mesma colecção.

Se bem que nos anos 20 ele tenha publicado alguns romances e uma primeira autobiografia, *Far Off Things* (1922), os gostos literários já tinham claramente mudado e o Fantástico Vitoriano já não usufruía de um mesmo público, especialmente quando a ficção inglesa começava a atingir o mais alto ponto do seu Modernismo e Virginia Woolf se tornara um modelo de escrita. Assim, por volta do final da década, as reedições das suas obras começam a rarear e Machen entra numa crise financeira da qual apenas conseguiu sair em 1943, aquando do seu octogésimo aniversário, em que um grupo de escritores amigos, entre eles T. S. Eliot, se juntou para o homenagear e proceder a uma campanha de angariação de fundos que lhe veio a permitir um final de vida confortável.

## 2. Traduzir Machen

Nos textos deste autor, por estranho que nos possa parecer, lemos, quase em simultâneo, não apenas uma única narrativa mas várias. É como se diante de nós se revelasse uma série de planos, nunca inteiramente transparentes mas translúcidos. Ficamos de facto presos, como leitores, a uma sucessão de ecos e cenários, regozijando-nos com todos os momentos de positivo «ruído» que todas essas interferências nos possam causar.

Lemos, em primeiro lugar, apenas um enredo, tal como este nos surge à superfície de contos específicos — verdadeiras novelas ou romances habilmente condensados —, para depois nos começarmos a aperceber de todo um historial de obsessões e fantasmas reprimidos da Época Vitoriana, em que a sexualidade engendra monstros e as experiências científicas se tornam assustadoras. Bem para lá deste segundo plano, no entanto, encontram-se as práticas «alquímicas» ainda bem presentes nestes textos dos finais do século XIX — escritos por um membro da Aurora Dourada —, formando uma terceira instância na qual, ainda que um certo significado hermético nos possa escapar enquanto leitores contemporâneos, o sentimos

todavia a ressoar num outro lado de nós, não tão facilmente captável ou definível.

De facto, não é nada fácil traduzir Machen, tentando transpor o que na forte condensação dos seus textos nos surge, não tanto a um nível explícito, mas sobretudo nas suas sucessivas reverberâncias, apelando, no que diz respeito ao sentido, para uma expansão mais participante do que aí está escrito, através da qual o leitor se torna, simultaneamente, co-narrador e cúmplice. Sem dúvida, o tradutor, também inserido neste jogo de planos e de espelhos, ir-se-á debater não apenas com a significação de palavras específicas, que a princípio lhe poderão surgir na sua óbvia materialidade, mas com frases e inúmeros segmentos que, neste caso, formam extensíssimos parágrafos, semelhantes a intrincadas «caixas misteriosas».

Com efeito, se como tradutores os tentamos visualizar, quase fantasmaticamente, existe algo que terá que ser transposto, não tanto ao nível da «letra», mas de um sentido que nunca pára de nos escapar logo que o tentamos tornar fixo. Regressamos deste modo, ou assim pensamos, à objectividade ilusória de uma dada página, numa tentativa de recuperarmos o fôlego que nela teríamos perdido, através de todos os seus múltiplos patamares. Relemos então o texto no original e na versão traduzida, que já imaginávamos revista e acabada, para verificarmos que esse mesmo texto — agora já mais nosso — é ainda e quase sempre «uma outra coisa», quer no que diz respeito ao original aparentemente imutável mas sempre múltiplo — dado que o activamos a cada leitura —, quer no que se prende com a sua tradução; isto é, com essa escrita a que já «demos uma outra voz», mas que se poderá sem dúvida melhorar a cada revisão, sem que nenhuma (tal como o produto final que por vezes nos arrancam das mãos para as tipografias) seja definitiva. Nunca o será de facto, pois tal como na Crítica Literária poderemos sempre acrescentar novas expansões, se não uma revisitada e reformulada interpretação inicial, no caso da tradução literária, as revisões sucessivas poder-nos-iam levar a tais extremos, que acabaríamos, através de um excesso de rigor, por nos depararmos com um texto traduzido que, paradoxalmente, pouco teria já que ver com o original, mas onde o mesmo continuasse a ser apaixonadamente alucinado.

Ora, o meu desejo de uma tradução objectiva, que se tenta, não obstante, afirmar como uma tentativa eufórica e utópica de fazer coincidir «as vozes» do autor com as do tradutor, pressupõe sempre, ou quase sempre, um inevitável sentido de perda, algo que nós nos vemos sempre condenados a ter que admitir.

Nenhuma tradução, porém, poderá pretender que o resultado do seu trabalho possa vir a ser recepcionado tal como na época em que o original foi escrito. Tal atitude pressuporia um agudizar de certas tendências históricas que já se encontram inerentes a qualquer voz tradutiva. Não lemos, nem poderemos pretender ler, como se lia na Inglaterra de finais do século XIX. Iremos tentar, é certo, recorrer, sempre que tal se justifique, a certas expressões passadas, a registos de fala que, na maioria dos casos, acabam por ecoar o nosso conhecimento acerca de textos da mesma época que, tanto quanto possível, possamos inserir num contexto semelhante ou paralelo. Assim, este Machen em português, o mesmo que eu aqui «transponho», insere-se inevitavelmente na sua época, mas também, dado que passou pelas mudanças necessariamente impostas por uma tradução recente, na nossa pós-modernidade, no espaço em que se esgarçam teorias, discursos e sobretudo as tentativas (quase sempre autoritárias) de um único texto definitivo, que apenas nos traz de volta todas as já ultrapassadas certezas do Positivismo e da ciência velha.

Assim, a tradução que vos coloco nas mãos, caros leitores, ainda que enfermando de todos os defeitos inerentes a uma «filragem» de natureza interlinguística — mas beneficiando também de uma série de informadas opções pessoais inerentes a uma certa distância temporal —, será «esse outro texto» a que a nossa especulação nunca cessará de se prender: *esse em que tudo se transformasse, sem que nada, no entanto, se perdesse.*

José Manuel Lopes



**O TERROR**



# O TERROR<sup>1</sup>

*Tradução e notas de Susana Clara*

## 1. A Chegada do Terror

Ao fim de dois anos, voltámo-nos novamente para as notícias matutinas com uma sensação de deleite e alegre expectativa. No início da guerra houve um grande tumulto devido à sensação de horror e de destruição que parecia ao mesmo tempo inacreditável e inequívoca. Isto foi por volta da altura em que Namur capitulou, e as hostes alemãs irromperam como uma enchente sobre território francês, chegando muito perto dos limites de Paris. Depois sentimos o frémito da exultação quando chegaram as boas notícias que davam conta de que aquela horrível enchente tinha sido repelida, e que Paris e o mundo estavam salvos, pelo menos por enquanto.

Então, durante dias, esperámos por mais notícias tão boas como aquelas, ou ainda melhores. Estaria Von Kluck<sup>2</sup> cercado? Hoje ainda não, mas talvez amanhã já estivesse... Porém, os dias tornaram-se semanas, as semanas transformaram-se em meses, a batalha a ocidente parecia estar parada. Ocasionalmente, tinham lugar acontecimentos que pareciam auspiciosos e que encerravam em si a promessa de outros ainda melhores. Mas as batalhas de Neuve Chapelle e de Loos transformaram-se em desilusões, à medida que a sua história era conhecida na íntegra. As linhas a ocidente, tendo como objectivo a vitória, mantinham-se imóveis. Parecia que nada acontecia. Nos jornais

---

<sup>1</sup> Publicado pela primeira vez em Londres, como uma novela, em 1917.

<sup>2</sup> General alemão envolvido na Primeira Batalha do Marne.

não havia mais nada que merecesse a pena ler, excepto o relato de operações que eram claramente banais e pouco significativas. As pessoas especulavam sobre o motivo dessa inércia, os optimistas diziam que Joffre<sup>3</sup> tinha um plano, que estava «a morder pela calada», outros afirmavam que tínhamos falta de munições, alguns diziam até que os novos recrutas ainda não estavam prontos para o combate. De modo que os meses passaram, e quase dois anos de guerra tinham transcorrido antes de as estáticas linhas inglesas iniciarem as suas movimentações, como se tivessem acordado de um longo sono e começassem a avançar, esmagando o inimigo durante tal processo.

O segredo da longa inércia dos batalhões britânicos tem sido bem guardado. Estava inexoravelmente protegido pela censura, que era rígida e, algumas vezes, rígida ao ponto de se tornar absurda. «Os capitães e a... partida», por exemplo, neste caso em particular, tornara-a feroz. Assim que o verdadeiro significado do que estava a acontecer, ou a começar a acontecer, foi entendido pelas autoridades, uma enfática circular foi enviada aos proprietários dos jornais da Grã-Bretanha e da Irlanda, avisando-os de que não deviam revelar o conteúdo da mesma a mais ninguém, à excepção do editor responsável pelo jornal, o qual deveria guardar segredo sobre aquele comunicado pois, de contrário, sofreria graves sanções. A circular proibia qualquer alusão a certos acontecimentos que tinham tido lugar ou que poderiam ter tido lugar, proibia qualquer referência a tais acontecimentos, a qualquer rasto da sua existência, ou à possibilidade de estes terem existido, não só na imprensa mas sob outra forma qualquer. O assunto não deveria ser mencionado em conversas, nem ser sugerido, mesmo que subtilmente, em cartas. A própria existência da circular, à parte do seu conteúdo proibitivo, deveria ser mantida em segredo absoluto.

Estas medidas tiveram sucesso. Um abastado proprietário de um jornal do Norte, quase no final da Festa de Throwsters (que fora comemorada, como era hábito, e que será recordada), atreveu-se a dizer ao homem que estava a seu lado: «Não seria horrível se...» As suas palavras foram repetidas, infelizmente, como prova de que era já altura para que o «Velho Arnold» se «recompusesse», e ele foi multado em mil libras. Depois houve o caso de um humilde semanário publicado na principal cidade de um distrito rural do País de Gales. O *Meiros Observer* (vamos chamar-lhe assim) era editado nas traseiras de uma

---

<sup>3</sup> Joseph Jacques Césaire Joffre foi um general francês que se tornou conhecido por ter reagrupado os exércitos aliados que batiam em retirada, levando-os a derrotarem os alemães na decisiva batalha que ficou conhecida como Primeira Batalha do Marne.

papelaria, e enchia as suas quatro páginas com relatos de exposições florais locais, de elaboradas feiras em vicariatos, notícias sobre conselhos paroquiais e raros casos de afogamento. Também era publicada uma lista de visitantes, que, segundo o que se sabe, continha seis nomes.

Este erudito órgão de comunicação publicou um parágrafo no qual ninguém reparou, pois era do género que os pequenos jornais de província costumavam publicar, e que dificilmente daria uma pista a alguém. A alguém, isto é, que não tivesse conhecimento do segredo. De facto, essa informação secreta chegou às páginas do jornal porque o proprietário, que também era o editor, deixou, inadvertidamente, o seu assistente encarregado dos últimos pormenores desse número em particular. Esse era «rei e senhor» da redacção, e decidiu encher duas colunas com um boato que tinha ouvido no mercado. O resultado foi o *Meiros Observer* ter desaparecido de circulação devido a «circunstâncias desagradáveis», segundo palavras do proprietário, que depois se remeteu ao silêncio. A um silêncio, no que diz respeito a esclarecimentos, mas bastante mais prolixo nas imprecações que proferia, como, por exemplo: «malditos bisbilhoteiros».

Assim sendo, uma censura que tenha suficiente minúcia e seja totalmente impiedosa pode conseguir coisas fantásticas na arte de ocultar... o que lhe apetece encobrir. Antes da guerra, podíamos pensar de outro modo, podíamos dizer que, apesar da censura, a verdade sobre o homicídio ocorrido em tal local, ou sobre o assalto que ocorreria num determinado sítio, seria certamente conhecida, se não através da imprensa, certamente através de rumores ou da passagem de notícias de boca em boca. Tudo isto seria verdade na Inglaterra de há trezentos anos ou nas tribos selvagens dos nossos dias. Mas, nos últimos tempos, tínhamos desenvolvido uma tal reverência pela palavra impressa e depositávamos tal confiança nela que a velha aptidão para espalhar notícias através da oralidade ficou atrofiada. Proíba-se a imprensa de mencionar o facto de Jones ter sido assassinado, e é fantástico constatar o número reduzido de pessoas que ouve falar sobre o assunto, e do facto de que, entre aquelas que o ouvem, poucas irão dar crédito ao que escutaram.

Encontramos um homem no comboio que nos diz que lhe contaram algo sobre um homicídio em Southwark. Existe uma diferença enorme na sensação que temos quando ouvimos aquela frase casual, e a que sentimos quando lemos uma meia dúzia de linhas onde consta o nome, a morada, a data e todos os factos relacionados com o caso.

As pessoas nos comboios contam todo o tipo de histórias, muitas delas falsas, mas os jornais não publicam notícias de homicídios que nunca aconteceram.

Então, outra razão foi apresentada para tal secretismo. Creio que disse que a velha profissão de espalhar boatos já não existia, no entanto, devo lembrar-me daquela estranha lenda dos russos e da mitologia dos anjos de Mons. Todavia, deixem que ressalve, em primeiro lugar, que ambos esses absurdos se apoiaram nos jornais para a sua extensa difusão. Se não existissem jornais ou revistas, os russos e os anjos não teriam passado de uma breve, vaga e imprecisa referência. Poucos teriam conhecimento do acontecido e ainda menos teriam acreditado nele. Poderiam tornar-se assunto de conversa durante cerca de uma ou duas semanas, mas logo cairiam no esquecimento.

Além disso, o próprio facto de se ter acreditado piamente, durante algum tempo, naqueles vagos rumores e histórias fantásticas foi desastroso para a veracidade de qualquer boato que pudesse chegar ao exterior. As pessoas tinham sido iludidas duas vezes: tinham observado como pessoas sérias, homens de boa reputação, discursavam e peroravam sobre as figuras brilhantes que tinham salvado o Exército britânico em Mons; ou tinham testemunhado o movimento dos comboios, cheios de moscovitas de fardas cinzentas, que atravessavam o país a grande velocidade pela calada da noite. Agora, no entanto, havia indícios de algo ainda mais espantoso do que aquelas lendas que tinham caído, em descrédito. Contudo, dessa vez não havia uma única palavra nos jornais diários, nas revistas semanais ou nas paroquiais, nada que o confirmasse. Por isso, entre os poucos que ouviram falar sobre isso houve reacções diferentes: uns riram-se, enquanto outros, bem mais sérios, foram para casa tomar notas para ensaios sobre *Psicologia em Tempo de Guerra: Delírios Colectivos*.

Eu não segui essas vias pois, antes da circular secreta ter sido emitida, a minha curiosidade fora despertada por alguns parágrafos relativos ao «Acidente Fatal de um Famoso Aviador». A hélice do avião onde seguia ficara desfeita, aparentemente, devido a uma colisão com um bando de pombos, as pás da hélice tinham-se partido e o avião caíra, como chumbo, em direcção ao solo. E pouco depois de ter lido este relato, ouvi falar de umas circunstâncias muito estranhas relacionadas com uma explosão numa grande fábrica de munições nas Midlands. Julguei então ter vislumbrado a possibilidade de haver uma ligação entre esses dois acontecimentos.

Amigos que tiveram a gentileza de ler esta narrativa, têm-me chamado a atenção para o facto de certas frases que usei poderem dar a

impressão de eu atribuir todos os atrasos da guerra na Frente Ocidental às estranhas circunstâncias que deram origem à emissão da circular secreta. É óbvio que não foi esse o caso, havia muitas razões para a imobilidade das nossas linhas no período compreendido entre Outubro de 1914 e Julho de 1916. Essas razões eram bastante evidentes e tinham sido lamentadas e discutidas com toda a abertura. Todavia, por detrás delas havia algo, uma força infinitamente maior. Tínhamos falta de homens, mas os homens voluntariavam-se aos magotes para integrarem o novo exército; faltavam-nos munições, mas quando tal falta foi anunciada a nação dispôs-se a suprimi-la com todo o seu empenho. Nós podíamos comprometer-nos a suprimir as necessidades do nosso exército, tanto em homens como em munições, se o novo e incrível perigo pudesse ser ultrapassado. Foi superado, talvez mais propriamente tenha deixado de existir, e o segredo pode agora ser revelado.

Referi que a minha atenção tinha sido atraída por um relato sobre a morte de um famoso aviador. Como infelizmente não tenho o hábito de guardar recortes de jornais, não posso precisar a data em que ocorreu. Creio que foi por volta dos finais de Maio ou nos princípios de Junho de 1915. O parágrafo de jornal que anunciava a morte do tenente aviador Western-Reynolds era bastante sucinto. Acidentes e desastres fatais que vitimam os homens que patrulham os nossos céus não são, infelizmente, tão raros para que exijam uma notícia mais elaborada. Mas o modo como Western-Reynolds encontrou a morte pareceu-me extraordinário, visto que revelava um novo perigo no elemento que conquistáramos há pouco. Ele tinha sido «abatido», tal como já referi, por um bando de pássaros, de pombos, segundo indicava o que fora encontrado nas ensanguentadas e despedaçadas pás da hélice. Uma testemunha ocular do acidente, um oficial seu companheiro, descreveu como Western-Reynolds levantou voo do aeródromo numa bela tarde em que o vento mal se fazia sentir. Ia em direcção a França, já tinha feito a viagem de ida e volta uma meia dúzia de vezes, ou mais, e sentia-se perfeitamente à vontade. «Wester» ganhou logo uma grande altitude, e nós já mal víamos o avião. Eu estava prestes a abandonar o local quando um dos camaradas exclamou: “Ora esta! O que é aquilo?” Ele apontou para o céu e nós vimos o que parecia ser uma nuvem negra, vinda de sul a uma tremenda velocidade. Apercebi-me de imediato que aquilo não era uma nuvem, pois o seu movimento e velocidade eram bastante diferentes de todas as nuvens que eu já vira. Mas, durante um momento, não consegui descortinar exactamente do que se tratava. O que quer que fosse, alterou a sua forma transformando-se num grande

quarto-crescente, volteando e mudando de direcção como se estivesse à procura de qualquer coisa. O homem que tinha dado o alarme foi logo buscar os binóculos e observava a cena atentamente. Então gritou que era um enorme bando de pássaros, “milhares”... Os pássaros continuaram a voar lá no alto, enquanto nós os observávamos e pensávamos em como tudo aquilo era interessante, mas nunca supondo que eles pudessem vir a incomodar Wester, que já quase não se distinguia. De súbito, as pontas do crescente estreitaram-se com a rapidez de um raio, e aqueles milhares de pássaros dispararam como uma massa sólida através do céu, voando para longe, algures para norte-noroeste. Em seguida, Henley, o homem que tinha os binóculos, bradou: “Ele foi abatido!” e começou a correr juntamente connosco no seu encaço. Subimos para um carro e, enquanto arrancávamos, Henley contou-me que tinha visto o avião a cair, como se tivesse saído do meio daquela nuvem de pássaros. Achava que os pássaros tinham, de alguma forma, danificado a hélice. Foi exactamente isso que se passou. Encontrámos as pás da hélice desfeitas e todas cobertas de sangue e de penas de pombo, além das carcaças dos pássaros que tinham ficado presos entre as lâminas e que ainda ali permaneciam.»

Esta foi a história que o jovem aviador contou uma noite a um número restrito de pessoas. Ele não pediu segredo, por isso não hesito em reproduzir as suas palavras. Naturalmente, eu não transcrevi a sua conversa palavra por palavra, mas tenho uma espécie de talento especial para me lembrar de conversas que me despertam o interesse, e penso que o meu relato se aproxima bastante da história que ouvi. E note-se que o aviador contou esta história sem qualquer sensação ou desconfiança de que o que tinha acontecido pudesse pertencer ao domínio do fantástico. Segundo o que sabia, disse ele, aquele era o primeiro acidente do género. Os aviadores em França tinham tido, uma ou duas vezes, problemas com pássaros (com águias, pensava ele) que voavam insistentemente à sua volta, mas o pobre Wester tinha sido o primeiro a deparar-se com um bando de alguns milhares de pombos.

«E talvez seja eu o próximo», acrescentou ele, «mas porque me hei-de preocupar? De qualquer modo, ir-me-ei embora amanhã à tarde.»

Eu ouvi a história com o mesmo estado de espírito com que nós ouvíamos as mais variadas maravilhas e terror do ar, com o mesmo estado de espírito com que uns anos atrás ouvíamos falar de «poços de ar», de estranhas correntes ou perigosos vácuos na atmosfera, nos quais os aviadores caíam; ou ainda com o mesmo estado de espírito



com que ouvíramos falar da experiência do avião que sobrevoara as montanhas de Cumberland, no escaldante Verão de 1911, e que, enquanto flutuava lá longe no alto, fora súbita e violentamente empurrado para cima. Efectivamente, o ar quente das rochas atingiu o seu avião como se a chaminé de uma fornalha tivesse explodido. Só agora começámos a explorar uma estranha região, logo, deveremos esperar depararmo-nos com estranhas aventuras, estranhos perigos. Neste caso, um novo capítulo das crónicas desses perigos e aventuras fora iniciado com a morte de Western-Reynolds, e sem dúvida que o progresso e a ciência iriam também encontrar uma forma qualquer de combater esse novo perigo.

Penso que terá sido cerca de uma semana ou dez dias após a morte do avião que a minha actividade profissional me levou a uma cidade do Norte, cujo nome talvez deva permanecer em segredo. A minha missão era investigar as acusações de «extravagância» que tinham sido feitas aos trabalhadores, isto é, aos trabalhadores da fábrica de munições dessa cidade em particular. Foi alvitrado que os homens que costumavam ganhar 2,10 libras por semana estavam agora a ganhar entre 7 a 8 libras; que as rapariguinhas mais inexperientes estavam a receber 2 libras em vez de 7 ou 8 xelins, e que, como consequência, se verificava aí toda uma profusão de tola extravagância. Disseram-me que as raparigas comiam chocolates e que cada quilo custava 8, 10 e 12 xelins; que as mulheres encomendavam pianos de 30 libras, os quais elas não conseguiam tocar; e que os homens compravam correntes de ouro a 10 e 20 guinéus cada uma.

Cheguei à cidade em questão e descobri, como é hábito, que havia uma mistura de verdade e de exagero nas histórias que tinha ouvido. Por exemplo, os gramofones não podem ser considerados bens de primeira necessidade, mas estavam indubitavelmente a ter muita procura, mesmo os de marcas mais caras. E achei que nas ruas havia muitos carrinhos de bebé, novinhos em folha, modernos, de cores suaves e com aspecto de terem sido bastante dispendiosos.

— Como é que pode ficar surpreendido por as pessoas se estarem a divertir um pouco? — perguntou-me um dos trabalhadores. — Pela primeira vez na nossa vida estamos a ver dinheiro a sério. E nós trabalhamos muito para o ganharmos, além de arriscarmos as nossas vidas. Ouviu falar na explosão ali adiante?

Ele referia-se a uma fábrica nos arredores da cidade. É claro que nem o nome da fábrica, nem o nome da cidade tinham sido mencionados nos jornais. Apenas uma pequena notícia fora publicada sobre: «Explosão numa Fábrica de Munições num Distrito do Norte: Várias

Vítimas Mortais». O trabalhador contou-me o que tinha acontecido, e acrescentou alguns terríveis detalhes.

— Não deixaram os familiares verem os corpos; selavam os caixões à medida que os encontravam mortos na fábrica. Foi o gás que provocou aquilo.

— E que fez com as caras ficassem negras, é o que quer dizer?

— *Nã*. Parecia que estavam esotraçalhadas.

Esse era de facto um gás muito estranho.

Fiz ao homem da cidade do Norte todo o tipo de perguntas sobre a extraordinária explosão de que me tinha falado. Mas ele teve pouco mais a acrescentar. Tal como já tinha reparado, os segredos que não são publicados são muitas vezes bem guardados; no Verão passado, poucas pessoas, fora dos altos círculos oficiais, tiveram conhecimento dos tanques, sobre os quais ultimamente todos nós falamos, apesar desses estranhos instrumentos de guerra estarem a ser preparados e testados num parque não muito longe de Londres. Assim, o homem que me relatou a explosão na fábrica de munições estaria a falar verdade quando me disse que não sabia mais nada sobre o acidente. Descobri que ele trabalhava como fundidor, na outra ponta da cidade, oposta à da fábrica que fora destruída. Ele nem sequer sabia o que se estava a fabricar ali. Supunha apenas que seriam explosivos altamente perigosos. A sua informação não era mais do que uma parte de um desprezível mexerico, o qual ele provavelmente ouvira em terceira, quarta ou quinta mão. Os horríveis detalhes de rostos «que parecia que estavam esotraçalhados» tinham-lhe causado uma grande impressão, e isso era tudo.

Deixei-o e apanhei um eléctrico para a zona onde se tinha dado o acidente, uma espécie de subúrbio industrial, a oito quilómetros do centro da cidade. Quando perguntei onde era a fábrica, disseram-me que não valeria a pena lá ir, pois não estava lá ninguém. No entanto, eu encontrei-a, um barracão tosco e hediondo com um pátio murado e um portão que se encontrava fechado. Procurei encontrar vestígios de destruição, mas nada descobri. O telhado estava em razoáveis condições e, uma vez mais, achei que esse acidente tinha sido muito estranho. Tinha havido uma explosão suficientemente violenta para matar trabalhadores que se encontravam no edifício, mas este não apresentava qualquer mazela.

Um homem saiu pelo portão e fechou-o atrás de si. Preparava-me para lhe fazer uma espécie de pergunta, ou antes, preparava-me para iniciar a minha pergunta com um «Disseram-me que o que aconteceu aqui foi terrível», ou com qualquer frase convencional, mas não

fui muito longe. O homem perguntou-me se tinha visto um polícia a descer a rua. Eu disse que sim, e ele deu-me a escolher entre seguir de imediato o meu caminho ou ser acusado de espionagem.

— É melhor pôr-se a andar e ligeirinho — foi, penso eu, o seu último conselho o que acabei por aceitar.

Bom, tinha-me deparado literalmente com uma parede espessa. Reflectindo sobre o assunto, só poderia supor que o fundidor, ou o seu informador, distorcera algumas frases da história em questão. O fundidor tinha dito que os rostos dos homens que tinham morrido estavam «estraqalhados»; essa poderia ser uma distorção inconsciente de «desfeitos». Essa frase poderia muito bem descrever o efeito de ácidos fortes, e, segundo o que eu conhecia do processo de manufactura de munições, tais ácidos eram usados e podiam mesmo explodir, com terríveis consequências, em algumas etapas perigosas da sua mistura.

Foi passado um dia ou dois que me lembrei do acidente do avião Western-Reynolds. Durante um desses momentos, que são muito mais pequenos do que qualquer medida de tempo, voltou a surgir na minha mente a possibilidade de haver uma ligação entre os dois acidentes. Mas esta era uma hipótese altamente improvável, e eu afastei-a dos meus pensamentos. No entanto, acho que aquela ideia, por mais louca que possa parecer, nunca me abandonou; foi mesmo a inspiração secreta que me guiou através de uma sombria floresta de enigmas.

Teria sido por volta desta altura, pelo menos até onde se pode determinar uma data, que uma região inteira, poderemos mesmo dizer todo um distrito, registou uma série de extraordinárias e terríveis calamidades, que assumiram proporções maiores, tendo em conta que durante algum tempo se apresentaram como mistérios inescrutáveis. É, de facto, discutível se esses horríveis acontecimentos não serão ainda um mistério para a maior parte dos envolvidos; pois antes de os habitantes daquela parte do distrito terem tido tempo de começarem a somar dois mais dois, a circular fora emitida, e a partir daí ninguém sabia como distinguir os factos verdadeiros das desenfreadas e inusitadas conjecturas.

O distrito em questão situa-se na parte mais a oeste do País de Gales; por conveniência, chamar-lhe-ei Meirion. Nesse distrito existe uma cidade costeira muito procurada pelos veraneantes para lá passarem cinco ou seis semanas de férias, e, espalhadas pelo mesmo, existem três ou quatro pequenas velhas cidades que parecem estar em lenta decadência, adormecidas, e envelhecidas devido à idade e ao esquecimento. Fazem-me lembrar o que li sobre as cidades do oeste da

Irlanda. As ervas crescem entre as irregulares pedras do pavimento, as placas por cima das lojas estão a cair, metade das letras dessas placas não se conseguem ler e, aqui e ali, vêem-se casas que foram demolidas, ou que ficaram em ruínas; a vegetação selvagem cresce por entre as pedras caídas, e um silêncio pesado reina por todo o lado. É de salientar que estes lugares nunca tinham sido magníficos. Os Celtas nunca primaram pela arte da construção, e, pelo que posso constatar, cidades como Towy, Merthyr, Tegveth e Meiros devem ter sido sempre como são agora, grupos de casas de construção duvidosa já em avançado estado de degradação.

Estas poucas cidades estão parcamente espalhadas por uma região selvagem onde o Norte se separa do Sul devido a uma agreste cadeia montanhosa. Um desses lugares fica a 25 quilómetros de qualquer estação de comboios, os outros estão ligados por uma única e pouco fiável linha-férrea, que é percorrida por um reduzido número de locomotivas, que param, oscilam e vacilam na sua lenta jornada pelo topo das montanhas; ou que param por meia hora ou mais em barracões abandonados apelidados de estações, situados perto de pântanos ermos. Há uns anos, viajei com um irlandês por uma dessas estranhas linhas. Ele olhou para a direita e viu um pântano com a sua vegetação amarela e azul e as suas poças de água estagnada, olhou para a esquerda e viu as escarpas cinzentas das íngremes montanhas.

— Quase não consigo acreditar — disse ele — que já não estou nas remotas regiões irlandesas.

Aqui deparamo-nos com uma região desabitada, de estranhas montanhas e vales misteriosos e escondidos. Conheço quintas, nessa região costeira, que devem distar umas boas duas horas de dura caminhada de outras habitações, e que não se conseguem ver de qualquer outra casa. Voltando novamente ao interior, as quintas são muitas vezes cercadas por densos arvoredos de freixos, plantados por homens de tempos idos com vista a protegerem os seus telhados dos violentos ventos que sopravam das montanhas ou das tempestades vindas do mar. É por isso também que esses lugares permanecem ocultos, sendo detectados apenas pelo fumo que sai por entre a verde vegetação que os circunda. Um londrino tem de os ver para acreditar que eles existem; e mesmo nessa altura mal consegue crer nesse total isolamento.

Tal como nessas regiões, Meirion situa-se no meio do nada, e nesse lugar, no início do Verão passado, o terror abateu-se sobre a cidade: um terror sem forma, que nenhum homem conhecera até aí.

Começo o meu relato com o caso da criança que passeava pelos

caminhos, para apanhar flores numa solarenga tarde de Verão, e que nunca mais regressou à casa rural no topo da colina, onde morava.

## 2. Morte na Aldeia

A criança que desaparecera morava numa isolada casa rural que ficava na ladeira de uma escarpada colina chamada Allt, ou o Cume. A região que a rodeava era selvagem, aqui e ali cresciam tojos e fetos, e viam-se pantanosos buracos cheios de canas e juncos, que marcavam o curso da corrente de um qualquer poço escondido; mais perto ou mais longe havia maciços de densos e entrançados pequenos arbustos que assinalavam os limites da floresta. Mais abaixo desse terreno abrupto e desigual vê-se um caminho que leva à estrada de terra batida que fica no fundo do vale; então, a terra ergue-se novamente e avoluma-se, formando os penhascos sobranceiros ao mar, que ficam a cerca de quinhentos metros. A menina Gertrude Morgan pediu à mãe se podia ir até essa estrada apanhar as flores púrpuras (tratava-se de orquídeas) que ali cresciam; a mãe autorizou-a, mas disse-lhe que ela tinha de estar em casa à hora do lanche pois ia fazer uma torta de maçã para acompanhar com o chá.

Ela nunca regressou. Supõe-se que tenha atravessado a estrada e que tenha ido até à beira dos penhascos para apanhar as armérias que na altura estavam a florir. Dizem que deveria ter escorregado e caído ao mar que fica a cerca de 60 metros abaixo. É preciso dizer que não há dúvida que existe um fundo de verdade nesta conjectura, no entanto, esta fica aquém da verdade absoluta. O corpo da criança deve ter sido levado pela corrente, uma vez que nunca foi encontrado.

A hipótese de um passo em falso ou a de um resvalo fatal na vegetação escorregadia que cobre as rochas foi aceite como sendo a única explicação possível. As pessoas achavam que aquele acidente era estranho, pois as crianças daquela região, que viviam perto dos penhascos sobranceiros ao mar, desde muito cedo tomavam consciência do perigo, e a Gertrude Morgan tinha quase 10 anos. Todavia, tal como os vizinhos disseram: «Deve ter sido assim que aconteceu, e é uma grande pena.» Mas esta explicação não se aplicava ao que se passou uma semana depois, quando um trabalhador rural, jovem e bem constituído, não regressou a sua casa ao fim do dia de trabalho. O seu corpo foi encontrado nas rochas a 10 ou 11 quilómetros dos penhascos de onde supostamente a criança caíra. O caminho que fazia quando ia

para casa era o mesmo que fazia todas as noites, de há oito ou nove anos a essa parte, e era o mesmo que percorria em total segurança nas noites escuras, uma vez que o conhecia palmo a palmo. A Polícia perguntou se ele bebia, mas ele era abstémio; se ele sofria de ataques, mas a resposta foi negativa. E também não tinha sido assassinado por causa da sua fortuna, pois os trabalhadores rurais não são ricos. Mais uma vez, só era possível falar de ervas escorregadias e de um passo em falso, mas as pessoas começaram a ficar assustadas. A seguir, foi encontrada uma mulher com o pescoço partido, no fundo da pedreira abandonada, perto de Llanfihangel, que fica no centro do condado. A teoria «do passo em falso» foi aqui eliminada, uma vez que a pedreira estava protegida por uma barreira natural de arbustos de tojo. Era necessário lutar para atravessar aqueles aguçados espinhos, e de facto, mesmo por cima do sítio onde o corpo da mulher foi encontrado, os arbustos estavam partidos, como se alguém os tivesse atravessado furiosamente. Outra coisa estranha tinha sido o facto de se encontrar uma ovelha morta, deitada ao lado da mulher, como se o animal e essa mesma mulher tivessem sido perseguidos para além da beira da pedreira. Mas perseguidos por quem, ou pelo quê? Surgiu então uma nova forma de terror.

Isto passou-se na região dos pântanos que ficam no sopé da montanha. Um homem e o seu filho, um rapazote de 14 ou 15 anos, saíram de manhã cedo para irem trabalhar e nunca chegaram à quinta onde estavam empregados. O caminho que tinham de percorrer passava perto do pântano, mas era largo, firme e bem revestido de cascalho, e tinha uma altura de cerca de 60 centímetros em relação ao lamaçal. Mas quando se efectuaram as buscas, no final desse mesmo dia, Phillips e o filho foram encontrados mortos no pântano, cobertos de lodo e de limos escuros. Estavam a cerca de 10 metros da estrada, a qual parecia terem abandonado deliberadamente. É claro que era inútil procurar vestígios naquela lama escura, pois, se atirássemos uma pedra lá para dentro, ao fim de alguns segundos os vestígios deixados por ela desapareciam. Os homens que encontraram os dois corpos procuraram nas margens e nos arredores do pântano, esperançados em encontrar algum rasto dos assassinos. Andaram para trás e para diante no campo onde o gado pastava, procuraram no denso bosque de carvalhos perto do riacho, mas não encontraram nada.

O mais terrível de todas essas calamidades foi, talvez, a que se passou na Estrada Velha, uma via secundária solitária e pouco frequentada, que se prolonga por muitos quilómetros por terras altas e solitárias. Aqui, a quase dois quilómetros de outra habitação, encontra-se uma

casa rural à beira da floresta. Era habitada por um camponês chamado Williams, a sua mulher e os três filhos. Numa quente noite de Verão, um homem que tinha estado a fazer um trabalho de jardinagem numa paróquia, a 5 ou 6 quilómetros dali, passou por essa casa e parou por uns minutos para conversar com Williams, que vagueava pelo seu jardim, enquanto as crianças brincavam à porta. Os dois conversaram sobre os seus vizinhos e sobre batatas, até que a Sr.<sup>a</sup> Williams assomou à porta e disse que o jantar estava pronto. O marido voltou-se então e foi para casa. Isto foi cerca das oito horas, e num dia normal a família estaria deitada às nove, ou nove e meia o mais tardar. Às dez horas daquela noite o médico local dirigia-se a casa pela Estrada Velha. O seu cavalo assustou-se violentamente e estacou em frente ao portão dessa casa. O médico desmontou, assustado com o que via — na estrada jazia Williams, a sua mulher e os três filhos, mortos. Os seus crânios pareciam ter sido golpeados por um pesado instrumento de metal, as suas faces estavam desfeitas.

### 3. A Teoria do Médico

Não é fácil imaginar o terror que se escondia nos corações dos habitantes de Meirion. Já não era possível acreditar ou fingir acreditar que aqueles homens, mulheres e crianças tinham encontrado a morte em estranhos acidentes. A menina e o jovem trabalhador rural talvez tivessem escorregado e caído dos penhascos, mas a mulher que fora encontrada morta, com a ovelha a seu lado, no fundo da pedreira; os dois homens que tinham sido atraídos para o lamaçal do pântano; a família que tinha sido assassinada e que fora encontrada na Estrada Velha, em frente à porta da sua própria casa. Não davam azo a suposições sobre acidentes. Parecia ser impossível formar ou esboçar qualquer conjectura que explicasse esses crimes hediondos e, ao que parecia, absolutamente sem sentido. Durante algum tempo as pessoas disseram que deveria haver um louco à solta, uma versão rural de Jack, o *Estripador*, um perverso medonho, possuído de um gosto pela morte, que vagueava na escuridão daquela terra solitária, escondendo-se nas florestas e em lugares ermos, sempre à procura de vítimas para satisfazer os seus desejos.

De facto, o Dr. Lewis, que tinha encontrado na Estrada Velha o pobre Williams, a sua mulher e os filhos horripilantemente massacrados, estava a princípio convencido de que a teoria sobre a existência de

um louco escondido na região oferecia a única solução possível para o problema.

— Eu tinha a certeza — disse-me ele mais tarde — que os Williams tinham sido mortos por um homicida maníaco. Foi a natureza dos ferimentos das pobres criaturas que me convenceu desse facto. Há alguns anos (trinta e sete ou trinta e oito para dizer a verdade), eu estive envolvido num caso muito semelhante ao do homicídio da Estrada Velha. Na altura, eu tinha um consultório em Usk, na região de Monmouthshire. Uma noite, uma família inteira que vivia numa casa à beira da estrada foi assassinada. Penso que esse caso foi apelidado de o homicídio de Llangibby, a casa ficava perto da cidade com o mesmo nome. O assassino foi apanhado em Newport. Tratava-se de um marinheiro espanhol chamado García, que aparentemente tinha matado o pai, a mãe e os três filhos por causa das peças em latão de um velho relógio de cuco, que foi encontrado na sua posse quando foi preso.

»García tinha cumprido uma pena de um mês de prisão numa cadeia em Usk devido a um pequeno furto, e, quando foi libertado, dirigiu-se a Newport, que ficava a catorze ou quinze quilómetros. Sem dúvida, tencionava arranjar trabalho num outro navio. Passou por essa casa isolada e viu o homem a trabalhar no jardim. García apunhalou-o com a sua faca de marinheiro. A mulher saiu logo a correr e foi também apunhalada. Em seguida, entrou nessa casa fez o mesmo às três crianças, tentou pegar fogo à humilde residência, e por fim fugiu com as peças de latão. Aquilo parecia ser obra de um louco, mas García não era louco (devo acrescentar que ele foi enforcado), era apenas um homem vil, um degenerado para quem a vida humana não tinha qualquer valor. Não tenho a certeza, mas acho que ele era oriundo das colónias espanholas, onde dizem que as pessoas são degeneradas, muito provavelmente devido ao excesso de miscigenação.

»Mas o que eu quero realçar é que esse marinheiro apunhalava para matar, e matava mesmo, um golpe em cada um dos casos. Não havia golpes dados à toa. No caso daquelas pobres pessoas na Estrada Velha, os crânios tinham sido desfeitos pelo que me pareceu ser um sem número de golpes. Qualquer um deles teria sido fatal, mas o assassino continuou a infligi-los, com um martelo de ferro, em pessoas que já estavam mortas. E esse tipo de coisas é obra de um louco, e nada mais que um louco. Foi como eu argumentei o caso para mim mesmo depois do acontecido.

»No entanto, eu estava completa e redondamente enganado. Mas quem iria suspeitar sequer da verdade?...



Cito assim as palavras do Dr. Lewis, ou a sua essência, como representativas da opinião da maior parte das pessoas cultas do concelho no início daquela época de terror. As pessoas agarravam-se a essa teoria porque, pelo menos, esta era capaz de oferecer o conforto de uma explicação, e qualquer explicação, mesmo a mais descabida, seria melhor do que um insuportável e terrível mistério. Além disso, a teoria do Dr. Lewis era plausível, explicava a falta de motivo que parecia caracterizar aqueles homicídios. No entanto estava cheia de inconsistências. Era praticamente impossível que um estranho se conseguisse esconder numa região rural onde qualquer pessoa de fora seria logo detectada. Mais cedo ou mais tarde, ele teria sido visto, enquanto vagueasse pelos caminhos ou quando atravessasse lugares descampados. Na verdade, um bêbado, um alegre mendigo completamente inofensivo, foi preso por um agricultor e por um dos seus empregados enquanto «curtia» a sua bebedeira de cerveja junto a uma sebe, mas esse vagabundo apresentou álibis que não deixavam margem para dúvidas e rapidamente foi libertado para seguir o seu errante itinerário.

Pouco depois, surgiu uma nova teoria, ou antes, uma variante da teoria do Dr. Lewis. Esta baseava-se no facto de a pessoa responsável por aqueles horrores ser, na verdade, um louco, mas um louco que sofria de uma insanidade mental intermitente. Foi um dos membros do Porth Club, um tal Sr. Remnant, que supostamente teria dado início a esta explicação mais subtil. O Sr. Remnant era um homem de meia-idade, que, não tendo nenhuma ocupação em particular, lia muitos livros como forma de passar o tempo. Ele dissertou no Clube (perante médicos, coronéis reformados, párcos, advogados) acerca da «personalidade», citando alguns textos de livros de psicologia como suporte da sua alegação de que a referida personalidade era por vezes inconstante. Apontou a obra *Dr. Jekyll e Mr. Hide* como sendo uma excelente prova da sua teoria. Salientou a reflexão do próprio Dr. Jekyll de que a alma humana, longe de ser una e indivisível, poderia possivelmente ser considerada uma mera nação, um estado no qual viviam muitos cidadãos estranhos e incongruentes, cujas personalidades não eram apenas desconhecidas como também estavam dissimuladas por aquela forma de consciência que tão imprudentemente se assume não apenas como o presidente da república, mas também o seu único cidadão.

— Resumindo e concluindo — rematou o Sr. Remnant —, qualquer um de nós pode ser o assassino, apesar de não fazer a mais pequena ideia disso. Vejam o Llewelyn, por exemplo.

O Sr. Payne Llewelyn era um advogado já com uma certa idade,

a versão rural de Tulkinghorn<sup>4</sup>. Ele era o advogado que se encarregara da herança dos Morgan de Pentwyn. Isto não soa assim tão imponente para os Saxões de Londres, mas os costumes são mais do que honrosos para os Celtas da zona ocidental de Gales, são imemorráveis. Teilo Sant era da linhagem do primeiro chefe que se conhece daquela família. E o Sr. Payne Llewelyn deu tudo por tudo para se parecer com o conselheiro legal daquela família ancestral. Ele era ponderado, cauteloso, honesto, seguro de si mesmo. Eu comparava-o ao Sr. Tulkinghorn de Lincoln Inn Fields, mas o Sr. Llewelyn dificilmente consideraria passar o seu tempo livre a espreitar para dentro dos armários onde estavam escondidos os esqueletos da família. Supondo que tais armários tinham existido, o Sr. Payne Llewelyn teria gastado rios de dinheiro para os equipar com duplas, ou triplas fechaduras invioláveis. Ele era um homem moderno, certamente um ádvena; pois em parte ele pertencia à Conquista, uma vez que descendia de *sir* Payne Turberville. Porém, preferia manter-se ligado à velha guarda.

— Vejam agora o caso do Llewelyn — disse o Sr. Remnant. — Escute bem, Llewelyn, poderá apresentar provas de onde se encontrava na noite em que aquelas pessoas foram assassinadas na Estrada Velha? Creio que não.

O Sr. Llewelyn, um homem de uma certa idade, como já referi, hesitou antes de falar.

— Parece-me que não — prosseguiu Remnant. — Eu defendo que é perfeitamente possível que Llewelyn esteja a espalhar a morte por toda a Meirion, embora, sob a influência da sua presente personalidade, ele não tenha a mínima suspeita de que dentro de si existe outro Llewelyn, um Llewelyn que faz do homicídio uma arte.

O Sr. Payne Llewelyn não tinha gostado nada da sugestão do Sr. Remnant de que ele poderia ser o assassino misterioso, ávido de sangue, cruel como um animal selvagem. Achou que a frase sobre o facto de ele fazer do homicídio uma arte era ao mesmo tempo absurda e de mau gosto, e a sua opinião não se alterou quando Remnant referiu que esta tinha sido usada por De Quincey no título de um dos seus mais famosos ensaios<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Referência a uma personagem famosa de Charles Dickens, no romance da sua autoria, *Bleak House*.

<sup>5</sup> Referência ao famoso ensaio de Thomas De Quincy, *On Murder Considered as One of the Fine Arts (Do Assassinio Considerado como Uma das Belas Artes)*, publicado pela primeira vez em Inglaterra, em 1827.

— Se me tivesse deixado falar — disse ele friamente — ter-lhe-ia dito que na passada terça-feira, na noite em que aquelas desafortunadas pessoas foram assassinadas na Estrada Velha, eu estava no Hotel Angel, em Cardiff. Tive assuntos a tratar nessa cidade, e tive de lá ficar até quarta-feira à tarde.

Tendo dado este álibi satisfatório, o Sr. Payne Llewelyn deixou o clube e não voltou a lá entrar durante essa semana.

Remnant explicou àqueles que permaneceram na sala de fumo, que, como era óbvio, ele tinha usado o Sr. Llewelyn como um exemplo concreto da sua teoria, a qual, insistia ele, era suportada por um considerável conjunto de provas.

— Existem registos de vários casos de dupla personalidade — asseverou ele. — E volto a afirmar que é bastante provável que estes homicídios tenham sido perpetrados por um de nós, sob a influência de uma personalidade secundária. Por que eu posso ser o assassino, enquanto Remnant B; ao passo que o Remnant A não tem a mínima ideia do que se passa, e está completamente convencido de que não seria capaz de matar uma mosca, quanto mais uma família inteira... Não é assim, Lewis?

O Dr. Lewis disse que, em teoria, tudo isso poderia ser possível, mas, na realidade, a sua opinião era contrária.

— A maior parte dos casos de dupla ou múltiplas personalidades que foram estudados — disse ele — têm estado relacionados com as experiências muito dúbias do hipnotismo, ou com as ainda mais dúbias experiências do espiritismo. Na minha opinião, todo esse tipo de coisas é como pedir a uma série de amadores para repararem os mecanismos de um relógio. Remexem nos eixos, nas rodas dentadas e nas molas de um mecanismo do qual não conhecem praticamente nada, e então descubrem que o relógio está a andar para trás, ou que marca 14h40 à hora do chá. Eu acredito que o mesmo se passa com esses estudos psíquicos experimentais. A dupla personalidade é muito provavelmente o resultado de se mexer e remexer num aparelho extremamente delicado, que nos é desconhecido. Ouçam, eu não posso dizer que é impossível, um de nós ser o assassino da Estrada Velha, sob influência da sua personalidade secundária, tal como Remnant alegou. Mas penso que tal é por demais impossível. A probabilidade é o mote da vida, tal como sabe, Remnant — disse o Dr. Lewis, sorrindo para esse cavalheiro, como que para lhe dizer que também ele se dedicara em tempos a certas leituras. — Mas também a improbabilidade é o mote da vida. Quando adquirimos um alto grau de probabilidade, sentimo-nos justificados em tomá-la como uma certeza. Por outro lado,

se uma suposição se torna altamente improvável, tendemos a tratá-la como uma impossibilidade. É isso precisamente o que acontece, em noventa e nove por cento dos casos.

— Então e o caso cem? — perguntou Remnant. — Supondo que esses extraordinários crimes constituem o centésimo caso...

O médico sorriu e encolheu os ombros, cansado já daquele assunto. Mas, durante um momento, os distintos membros da comunidade de Porth olharam uns para os outros com desconfiança, perguntando a si mesmos se afinal não «haveria ali qualquer coisa». Contudo, tanto a teoria algo exagerada do Sr. Remnant como a plausível teoria do Dr. Lewis se tornaram infundadas quando se veio a saber de mais duas vítimas de uma horrível e misteriosa morte, pois um homem fora encontrado morto na pedreira de Llanfihangel, onde a mulher fora descoberta. Nesse mesmo dia, uma rapariga de quinze anos foi encontrada despedaçada nas rochas cortantes, por baixo do penhasco próximo de Porth. Aparentemente, essas duas mortes tinham ocorrido mais ou menos ao mesmo tempo, decerto com uma diferença de uma hora entre uma e outra, e a distância entre a pedreira e os penhascos de Black Rock é seguramente de trinta e dois quilómetros.

— Um carro podia percorrer essa distância nesse espaço de tempo — alvitrou um deles.

Mas logo se afirmou que não existia nenhuma estrada principal que ligasse os dois lugares. Na verdade, pode dizer-se que não existe nenhuma estrada que os ligue. Entre Black Rock e a pedreira de Llanfihangel, existe um emaranhado de recônditas estradas estreitas e tortuosas, que se cruzam umas com as outras, de uma forma muito estranha, por cerca de vinte sete quilómetros. Mas, para chegar às terras altas dos penhascos, seria necessário seguir por um caminho que atravessa dois quilómetros de campos, e a pedreira ficava a um quilómetro da estrada secundária mais próxima, por entre tojos, fetos e terrenos acidentados. Para mais, não havia vestígios de carros ou de motas nas estradas que teriam sido utilizadas para ir de um lugar para o outro.

— Então, e um avião?... — perguntou o homem que tinha sugerido a teoria do carro. É certo que havia um aeródromo perto de um dos locais onde ocorrera uma das mortes, mas por algum motivo ninguém acreditava que o Esquadrão Aéreo albergasse um homicida maníaco. Parecia então claro que deveria existir mais do que uma pessoa envolvida no terror que grassava em Meirion. E o próprio Dr. Lewis abandonou a sua teoria.

— Tal como eu disse a Remnant no clube — afirmou —, a improbabilidade é o mote da vida. Eu não acredito que exista um gru-

po de loucos, ou mesmo dois loucos, à solta na região. Dou-me por vencido.

E agora uma nova circunstância ou conjunto de circunstâncias tinha-se manifestado para confundir o raciocínio e despertar novas e irracionais suspeitas, uma vez que, por essa altura, as pessoas perceberam que nenhum desses terríveis acontecimentos que ocorriam à sua volta era mencionado na imprensa. Eu já me referi ao destino do *Meiros Observer*. Esse jornal fora retirado de circulação pelas autoridades porque tinha publicado um pequeno parágrafo sobre uma pessoa que tinha sido «encontrada morta em estranhas circunstâncias». Penso que esse parágrafo se referia à primeira morte na pedreira de Llanfihangel. Desde então, os horrores sucediam-se, mas nada se publicara na imprensa local. Os mais curiosos dirigiram-se às instalações dos jornais (ainda existiam dois na região) mas não encontraram nada, excepto uma firme recusa em falar sobre o assunto. Os jornais de Cardiff foram lidos de fio a pavio e nada foi encontrado, e a imprensa de Londres, segundo parecia, ignorava o facto de que uma onda de crimes sem precedente aterrorizava toda uma região. Todos se questionavam sobre o que teria acontecido, sobre o que estava a acontecer, e então surgiu o boato de que o médico legista não autorizaria nenhuma investigação sobre essas mortes misteriosas.

— De acordo com as instruções recebidas do Ministério do Interior — terá sido dito por um desses médicos legistas —, devo informá-los que a vossa função será ouvir as provas forenses e proferirem imediatamente um veredicto de acordo com essas mesmas provas. Eu não autorizarei qualquer pergunta.

Um dos membros do júri protestou. O porta-voz recusou-se a proferir qualquer veredicto.

— Muito bem — disse o médico legista. — Então, quero informá-los, senhor porta-voz e membros do júri, que, ao abrigo da Lei de Defesa do Reino, eu tenho poder para suspender as vossas funções e proferir um veredicto baseado nas provas que forem apresentadas a este tribunal, como se esse tivesse sido deliberado por todos.

O porta-voz e o júri renderam-se às evidências e aceitaram o que não podiam evitar. Mas os rumores que se criaram em torno desta situação, assim como o facto bem conhecido de que aquele terror era ignorado pela imprensa, aumentaram o pânico que se começava a sentir e deram-lhe uma nova direcção. Era evidente que as pessoas pensavam que aquelas restrições e proibições governamentais só poderiam ter que ver com a guerra ou com algum grande perigo relacionado com a mesma. E, assim sendo, todos aqueles horrores que

deviam ser mantidos em segredo eram obra do inimigo, ou seja, de agentes alemães infiltrados.

#### 4. A Propagação do Terror

Chegou a altura de eu esclarecer um certo assunto. Comecei esta história referindo-me a um extraordinário acidente de um aviador, cujo avião caíra após ter colidido com um enorme bando de pombos; e a uma explosão numa fábrica de munições no Norte, explosão essa, tal como já referi, de carácter muito peculiar. Em seguida, abandonei os arredores de Londres e esse distrito do Norte, e deparei-me com uma série de misteriosos e terríveis acontecimentos que ocorreram no Verão de 1915, num condado do País de Gales, ao qual, por conveniência, decidi chamar Meirion.

Que fique bem claro que todos esses detalhes que forneci sobre o que ocorreu em Meirion não significam que esse condado no extremo oeste era o único, ou o que estava mais atormentado pelo terror que grassava por todo o país. Tomei conhecimento de que, nas aldeias perto de Dartmoor, os corações dos valorosos habitantes do Devonshire se encheram de medo e de espanto, tal era costume na altura da peste e das epidemias. O terror também se fazia sentir em Norfolk Broads, e mais a norte, perto de Perth, ninguém se aventurava no caminho que ia de Scone até aos montes cobertos de bosques frondosos que ficavam sobranceiros a Tay. O mesmo acontecia nas zonas mais industrializadas. Um dia, por acaso, numa esquina menos própria de Londres, encontrei um homem que me falou, com um certo horror, do que um amigo lhe contara.

— Não faças perguntas, Ned, sobre o que te vou contar — disse-me ele. — No outro dia, 'tava eu em Bairnigan, encontrei um amigo que tinha visto trezentos caixões a saírem de uma fábrica não muito longe dali.

A seguir deu-se o episódio do barco que navegava ao sabor do vento perto da foz do Tamisa, com todas as velas içadas, e que não respondia a nenhum chamamento nem tinha nenhuma luz! Os canhões do forte dispararam contra ele e destruíram-lhe um dos mastros, mas a embarcação mudou subitamente de rumo, devido a uma rajada de vento que soprou por baixo das velas, que ainda se mantinham içadas, e navegou pelo canal fora encalhando, por fim, nos bancos de areia e pinhais de Arcachon, sem haver um único homem vivo no seu interior,

mas tão-só o estertor de um amontoado de ossos. A última viagem do *Semiramis* seria algo terrível que valeria a pena ser contado, mas eu só tomei conhecimento dela muito depois. Contaram-ma como se fosse uma história, e eu só acreditei nela porque se enquadrava com outras coisas de que eu tinha a certeza.

Isto é então o que eu queria esclarecer. Escrevi sobre o terror, que se abatia sobre Meirion, simplesmente porque tive oportunidade de me aproximar do que realmente acontecera. Nos outros lugares, os relatos eram todos em terceira, quarta ou quinta mão, mas, nas imediações de Porth e Merthyr Tegveth, falei com pessoas que tinham visto indícios desse terror com os seus próprios olhos.

Disse que as pessoas daquele condado mais a oeste perceberam não só que a morte andava à solta, nas suas estradas calmas e colinas pacatas, mas também que, por algum motivo, tudo isso deveria ser mantido em segredo. Os jornais não podiam publicar nenhuma notícia sobre o que se passava, os próprios júris convocados para investigar os acontecimentos nada podiam investigar. Por isso, as pessoas concluíram que esse véu de segredo deveria, de alguma forma, estar relacionado com a guerra, e, partindo deste pressuposto, não demorou muito até que chegassem a uma outra conjectura: que as mortes de homens, mulheres e crianças inocentes eram obra de alemães ou de agentes ao serviço da Alemanha. Todos concordavam que era típico dos hunos delinear um plano tão diabólico como aquele, porque era seu apanágio traçar sempre os planos com antecedência. Tinham planeado conquistar Paris em poucas semanas, mas, quando foram derrotados no Marne, as suas tropas, que se encontravam nas trincheiras em Aisne, estavam preparadas para atacar. Tudo fora preparado muitos anos antes da guerra. Assim sendo, não havia dúvida de que eles tinham arquitectado esse plano contra a Inglaterra para o caso de não nos conseguirem vencer em combate directo. Muito provavelmente, havia pessoas preparadas por todo o país, que estavam prontas para matar e aniquilar, onde quer que fosse, assim que recebessem ordens para isso. Dessa forma, os alemães pretendiam espalhar o terror por toda a Inglaterra e encher os nossos corações de pânico e horror, na esperança de que, enfraquecendo o inimigo no seu território, este perdesse toda a coragem na guerra que travava em solo estrangeiro. Era a noção de Zeppelin, mas sob uma outra forma. Eles praticavam esses terríveis e misteriosos horrores pensando que nos assustariam e dariam cabo do nosso juízo.

Parecia tudo bastante plausível. A Alemanha tinha por essa altura perpetrado tantos horrores, excedendo-se em astúcias tão diabólicas,

que nenhuma atrocidade parecia demasiado abominável para ser provável, ou demasiado perversa para estar para além da tortuosa malícia dos hunos. Mas depois surgiram as perguntas sobre quem seriam os agentes desse terrível plano, onde viveriam, e como conseguiam deslocar-se sem serem vistos, de campo em campo, de estrada em estrada. Fora feito todo o tipo de fantásticas tentativas para responder a essas interrogações, todavia, todos pressentiam que as mesmas continuavam sem resposta. Algumas pessoas sugeriram que os assassinos tinham desembarcado de submarinos, ou que tinham voado de lugares secretos na costa oeste da Irlanda, vindo e regressando de noite. Porém, viriam a verificar-se falhas flagrantes em ambas essas opiniões. Toda a gente concordava que a obra do diabo era obra da Alemanha, mas ninguém imaginava como é que esta era posta em prática. No clube, alguém inquiriu Remnant acerca da sua teoria.

— A minha teoria — respondeu esse homem astuto — consiste em que o progresso humano é simplesmente uma longa caminhada de um inconcebível para outro. Vejam os aviões que ontem sobrevoraram Porth. Há dez anos, uma visão dessas seria inconcebível. Vejam a máquina a vapor, as tipografias, a Teoria da Gravitação, todas eram inconcebíveis até alguém ter pensado nelas. É sobre esse terrível sofrimento, sem dúvida, que estamos a falar: os hunos descobriram-no e nós não; a verdade é essa. Nós não conseguimos descobrir como é que essas pessoas foram assassinadas porque o método é inconcebível para nós. — As pessoas que estavam no clube ouviram com algum espanto esse exímio argumento. Depois de Remnant se ter ido embora, um dos membros disse:

— Trata-se de um homem magnífico...

— Pois é — disse o Dr. Lewis. — Perguntaram-lhe se ele sabia alguma coisa. E a resposta dele significa «Não, não sei nada». Mas, de facto, nunca tinha ouvido uma resposta desse género posta de forma tão eloquente.

Suponho que foi por essa altura, quando as pessoas andavam intrigadas com os métodos secretos usados pelos alemães ou pelos seus agentes para cometerem os seus crimes, que alguns habitantes de Porth tomaram conhecimento de um detalhe peculiar. Estava relacionado com o homicídio da família Williams, na Estrada Velha em frente da casa deles. Eu não sei se deixei claro que a antiga estrada romana chamada Estrada Velha se estende por uma longa e íngreme colina, que se prolonga uniformemente para oeste até se transformar num declive que se inclina em direcção ao mar. Em ambos os lados da estrada o chão parece de-



saparecer, transformando-se aqui e ali em densos e sombrios bosques, acolá em pastagens, ou num ou noutro campo de milho; todavia, na sua maior parte, trata-se de uma paisagem agreste de terrenos acidentados, muito característica de Arfon. Os campos são compridos e estreitos, e, estendendo-se pela encosta da escarpada colina, afundam-se subitamente em sulcos e buracos. No meio de um deles existe um poço coberto por um bosque de freixos e espinheiros, e por detrás deste o chão está cheio de juncos e caniços. E em ambos os lados de tais terrenos podem surgir campos que resplandecem com enormes quantidades de fetos; e outros cheios de tojos e de sólidos maciços de abrunheiros. Líquenes verdes pendem estranhamente dos ramos das árvores. Essas são as terras que se encontram de ambos os lados da Estrada Velha.

Ora, na parte mais baixa da ladeira, mais abaixo da casa dos Williams, cerca de três ou quatro campos mais abaixo, fica um acampamento militar. Aquele lugar tem sido usado como acampamento há já alguns anos, ultimamente tem aumentado de tamanho com a construção de cabanas. Mas, no Verão de 1915, havia aí um número considerável de homens a dormir em tendas.

Na noite do homicídio da Estrada Velha, esse campo, tal como se verificou depois, foi palco de uma cena de invulgar pânico por parte de alguns cavalos.

Pouco depois das nove e meia da noite, quando soou o último toque de recolher, a maior parte dos homens do acampamento estava a dormir nas suas tendas. Ouviu-se um estrondo enorme na ladeira por cima deles; subitamente, meia dúzia de cavalos investiram por esse espaço, loucos de medo, pisando as tendas e os homens, ferindo dúzias deles e matando dois.

A confusão foi enorme, homens que gemiam e gritavam na escuridão tentavam desembaraçar-se das tendas e das cordas retorcidas; alguns rapazes bastante inexperientes gritavam que os alemães tinham desembarcado; outros limpavam o sangue dos olhos; e os poucos que tinham sido subitamente acordados do seu sono profundo batiam uns nos outros, enquanto os oficiais se dirigiam apressadamente para o local, rugindo ordens aos sargentos. Um grupo de soldados que regressava da aldeia próxima ficou paralisado de medo, devido ao que eles dificilmente conseguiam ver ou distinguir, misturado com um sem-fim de gritos, de pragas e gemidos que eles não conseguiam perceber. Esses soldados fugiram do acampamento, dirigindo-se novamente à aldeia para tentarem salvar as suas vidas, tudo isto no meio da mais insana confusão.

Alguns dos homens tinham visto os cavalos a galoparem pela colina abaixo como se fossem montados pelo próprio terror. Os animais afastaram-se pela escuridão, e, de uma maneira ou de outra, conseguiram encontrar o caminho de volta para a sua pastagem, situada acima do acampamento. De manhã, aí estavam eles a pastar tranquilamente, e o único sinal de pânico da noite anterior era a lama que tinham salpicada pelo corpo, ao atravessarem um pedaço de terreno cujo chão estava molhado. O agricultor disse que era uma manada tão tranquila como outra qualquer em Meirion, e que não sabia o que podia ter acontecido.

— Na verdade — disse ele —, eu acredito, que para estarem tão assustados, devem ter visto o próprio diabo, valha-nos Deus!

Tudo aquilo foi mantido no maior segredo possível, na altura em que aconteceu, no entanto, aquele episódio tornou-se do conhecimento dos membros do Clube de Porth, na altura em que eles discutiam a difícil questão dos ultrajes cometidos pelos alemães, pois era assim que os homicídios eram geralmente designados. E aquela investida dos cavalos da quinta foi considerada por alguns como prova do extraordinário e inusitado carácter desses terríveis poderes que se estavam a congregar. Um oficial que estava no acampamento, na altura em que a investida dos cavalos acontecera, contou a um dos membros do clube que os animais que aí tinham entrado de rompante estavam completamente aterrorizados, e que ele nunca tinha visto cavalos num estado semelhante, o que provocou uma especulação interminável sobre que espécie de visão ou som teria levado meia dúzia de dóceis equídeos àquela fúria insana.

Então, no meio dessa polémica, dois ou três incidentes, bastante estranhos e incompreensíveis, tornaram-se conhecidos, nascidos de casuais mexericos que chegaram às cidades, vindos de quintas distantes, ou que tinham sido trazidos por agricultores que chegavam a Porth em dias de mercado, com uma ou duas galinhas, ovos e produtos agrícolas. Essas partes ou fragmentos de conversas, recolhidos pelos criados dos proprietários rurais, foram logo repetidos aos seus patrões. E assim veio a saber-se que em Plas Newydd tinha havido um terrível incidente com um enxame de abelhas. Estas tinham-se tornado tão perigosas como as vespas, mas ainda mais ferozes. Tinham-se aproximado, como uma nuvem, das pessoas que tratavam das colmeias. Pousaram no rosto de um homem e eram tantas que não se lhe conseguia ver um centímetro de pele. Picaram-no de tal forma que o médico disse não saber se ele iria sobreviver, depois perseguiram uma rapariga que tinha vindo observar o que se passava, pousaram

em cima dela e picaram-na até à morte. As abelhas dirigiram-se para uma clareira que ficava mais abaixo na quinta e entraram no buraco de uma árvore, não sendo seguro aproximarmos-nos da mesma pois esses insectos atacavam de dia ou de noite.

Aparentemente, a mesma coisa tinha acontecido em mais três ou quatro quintas que se dedicavam à apicultura. Havia também histórias, pouco claras e pouco credíveis, de cães pastores, animais dóceis e de confiança, que se tornavam tão selvagens como lobos e que feriam os rapazes da quinta de uma forma horrível, dizendo-se que um dos casos fora mesmo fatal. É decerto verdade que o galo favorito da velha Sra. Owen, um *Brahma-Dorking*, tinha enlouquecido, e que num sábado de manhã ela chegara a Porth com a cara e o pescoço ligados e cheios de pensos. Na noite anterior ela tinha ido ao seu quintalzinho para dar de comer ao animal, e este tinha saltado na sua direcção, atacando-a de um modo bastante selvagem, infligindo-lhe ferimentos bastante graves antes de ela o conseguir enxotar.

— Felizmente para mim, eu tinha um pau à mão — disse ela. — Bati-lhe e tornei a bater-lhe até o matar. Mas afinal, o que é que se está a passar neste mundo?

Remnant, o homem das teorias, era também uma pessoa com bastante tempo livre. Era sabido que ele tinha sido bem sucedido financeiramente quando ainda era bastante novo, e depois de ter apreciado o aroma das leis, aparentemente, durante meia dúzia de semestres na Middle Temple<sup>6</sup>, decidira que não fazia sentido desgastar-se a fazer exames para uma profissão que não tinha a mínima intenção de exercer. Fez orelhas moucas ao toque para o *manger*<sup>7</sup> que ecoava pelos pátios da Temple, e partiu para vaguear alegremente pelo mundo. Percorreu toda a Europa, deu um salto a África e chegou mesmo às portas do Oriente, numa viagem que incluía as ilhas gregas e Constantinopla. Agora, prestes a atingir os cinquenta anos, tinha-se estabelecido em Porth devido, segundo afirmara, à corrente do Golfo e às sebes repletas de flores coloridas, vagueando por entre os livros, as suas teorias e os mexericos locais. Ele não era mais mórbido do que a maior parte das pessoas, as quais se regozijam com os detalhes dos misteriosos crimes. Mas devo dizer que o terror, apesar de apavorante, era para ele um divertimento. Observava atentamente, investigava e examinava tudo

---

<sup>6</sup> Referência a uma das quatro mais antigas escolas de Direito de Londres.

<sup>7</sup> A tradição manda que os alunos desta escola jantem nas suas instalações um mínimo de noites durante vários semestres.

com o prazer de um homem cuja vida recebera uma lufada de ar fresco. Escutava atentamente as estranhas histórias de abelhas, cães e galos, que chegavam a Porth com os cestos de manteiga, coelhos e ervilhas; e, por fim, desenvolvera a mais extraordinária das teorias.

Orgulhoso da sua descoberta, pelo menos era o que ele pensava, uma noite foi ter com o Dr. Lewis para perceber qual seria a opinião deste sobre o assunto.

— Quero falar consigo — disse Remnant ao médico — sobre aquilo que eu apelidei, provisoriamente, de raio Z.

## 5. O Incidente da Árvore Misteriosa

O Dr. Lewis, sorrindo com indulgência e inteiramente preparado para ouvir uma qualquer teoria monstruosa, conduziu Remnant para a sala com vista para o terraço ajardinado e também para o mar.

A casa do médico, apesar de ficar apenas a dez minutos a pé do centro da cidade, parecia muito distante de todas as outras habitações. O caminho, vindo da estrada que levava a essa residência, passava por uma densa alameda de árvores e arbustos cerrados. A casa estava rodeada de árvores que se misturavam com os bosques vizinhos, e mais abaixo o jardim era feito de terraços verdes para chegar a uma zona de vegetação selvagem perto de um caminho acidentado por entre rochas vermelhas, até que, por fim, se vislumbrava a areia dourada da pequena enseada. A sala, para a qual o médico levou Remnant, dava para esses terraços e para os indefinidos contornos da baía. Tinha portas envidraçadas que estavam abertas de par em par, e os dois homens sentaram-se sob a suave luz do candeeiro (isto foi antes da altura das rigorosas leis da iluminação na Costa Oeste), saboreando os doces odores e visões da noite de Verão. Então, Remnant principiou:

— Suponho, Lewis, que já ouviu aquelas extraordinárias histórias sobre abelhas, cães e outras coisas, que têm ocorrido ultimamente?

— É claro que sim. Fui chamado a Plas Newydd para tratar de Thomas Trevor, que só agora está livre de perigo, e também fui eu que declarei o óbito da pobre criança, a Mary Trevor. Ela estava a morrer quando cheguei ao local. Não há dúvida de que foi picada até à morte pelas abelhas, e acho que houve outros casos parecidos em Llantarnam e Morwen, nenhum deles fatal, penso eu. Mas o que têm afinal estes casos?

— Bem, depois temos as histórias de velhos e dóceis cães pastores que se tornaram selvagens e que atacam as crianças...

— Pois... Eu não fui consultado em nenhum desses casos, mas acredito que as histórias são bastante precisas.

— Então e a velha senhora que foi atacada pelo seu próprio galo?

— Isso também é verdade. A filha aplicou-lhe na cara e no pescoço uma mezinha que ela própria tinha feito, e depois veio consultar-me. Como as feridas estavam a sarar bem, disse-lhe para continuar com o tratamento, fosse ele qual fosse.

— Muito bem — disse Remnant. Este falava agora com se quisesse sublinhar muito bem o que dizia: «*Não vê a ligação entre tudo isto e aquelas coisas horríveis que têm acontecido por aqui neste último mês?*»

Lewis, espantado, fitou Remnant. Arqueou as suas sobrancelhas ruivas e depois baixou-as numa espécie de expressão carrancuda. A sua fala mostrava agora vestígios do seu sotaque nativo.

— Santa paciência! — exclamou ele. — Onde diabo é que quer chegar agora? Isso é uma loucura. Está dizer-me que acha que existe alguma ligação entre um ou dois enxames de abelhas que se tornaram selvagens, um cão traçoeiro, um velho galo malvado de celeiro e essas pobres pessoas que foram atiradas dos penhascos e agredidas até à morte na estrada? Isso não tem lógica nenhuma.

— Eu estou extremamente inclinado a acreditar que tem bastante lógica — respondeu Remnant, muito calmamente. — Ouça, Lewis, eu vi o seu sorriso no outro dia no clube, quando eu estava a dizer aos rapazes que, na minha opinião, todos esses horrores tinham sido perpetrados pelos alemães, mas de um modo que nós não conseguíamos conceber. Mas quando eu falei sobre «inconcebíveis», o que eu quis dizer foi isto: os Williams e todas as outras pessoas foram mortas de uma forma que não existe em teoria, pelo menos não na nossa, foram mortos de um modo que nós nem sequer contemplamos e do qual nunca nos lembrámos. Percebe o que eu quero dizer?

— De certa forma... O que quer dizer é que existe uma originalidade absoluta no método... Suponho que assim seja. E depois?

Remnant pareceu hesitar, em parte devido à portentosa natureza daquilo que estava prestes a revelar, mas também por causa da sua hesitação em partilhar um segredo tão sério.

— Bom — replicou —, você admite que temos dois conjuntos de fenómenos de características bastante extraordinárias a acontecerem ao mesmo tempo. Não acha que é razoável correlacioná-los.

— Decerto o filósofo do campanário de Tenterden e o de Goodwin Sands também o teriam pensado — disse Lewis. — Mas qual poderá ser

a ligação? Aquelas pobres pessoas na Estrada Velha não foram picadas por abelhas nem atacadas por um cão. E os cavalos não atiram pessoas dos penhascos nem as afogam em pântanos.

— Claro que não, eu também nunca quis sugerir nada tão absurdo. Parece-me evidente que em todos esses casos dos animais, que subitamente se tornaram violentos, a causa foi o terror, o pânico e o pavor. É sabido que os cavalos que investiram sobre o acampamento estavam desvairados de medo. E penso que, nos outros casos que estivemos a discutir, a causa foi a mesma. As criaturas foram expostas a uma epidemia de medo, e um cavalo assustado, ou um pássaro, ou um insecto usa as suas armas, quaisquer que elas sejam. Por exemplo, se estivesse alguém ao pé dos cavalos quando eles tiveram aquele ataque de pânico, estes tê-lo-iam atacado com os seus cascos.

— Sim, atrevo-me a dizer que seria isso que aconteceria. E então...

— Então, eu acredito que os alemães fizeram uma extraordinária descoberta. Eu chamei-lhe o raio Z. Você sabe que a existência do éter é apenas uma hipótese, temos de supor que existe por causa da passagem das ondas hertzianas de um lugar para outro. Agora suponha que existe um éter psíquico, bem como um éter material, suponha que é possível transmitir impulsos irreprimíveis através deste meio e imagine que esses impulsos são direccionados para o homicídio ou para o suicídio. Assim sendo, penso que temos uma explicação para a terrível série de acontecimentos que se têm verificado em Meirion, nas últimas semanas. E para mim é bastante claro que os cavalos e as outras criaturas foram expostas a esse raio Z, o que provocou neles aquele efeito de terror que posteriormente levou à ferocidade. Que me diz a tudo isto? Como deverá saber, a telepatia está bem documentada, de modo que estamos a falar de uma sugestão hipnótica. Só terá de se dar ao trabalho de procurar na *Enciclopédia Britânica* e verificar. Em alguns casos, a sugestão é tão forte que se torna um imperativo irreprimível. Ora, não acha que, juntando a telepatia e a sugestão, teremos elementos mais do que suficientes para o que designei como raio Z? Creio que tenho mais dados para fazer avançar a minha teoria do que o inventor da máquina a vapor tinha quando viu a tampa da chaleira a estremecer. O que é que acha?

O Dr. Lewis não respondeu. Este observava o crescimento de uma nova e misteriosa árvore no seu jardim.

O médico não respondeu à pergunta de Remnant. Por um lado, a sua exposição tinha sido profusamente eloquente (rigidamente condensada neste extracto), e o Dr. Lewis estava cansado do som da sua voz.

Por outro lado, considerava a teoria do raio Z demasiado extravagante para ser plausível e suficientemente louca para dar cabo da paciência a alguém. À medida que a entediante argumentação prosseguia, Lewis tomou consciência de que havia alguma coisa estranha na noite.

Era uma escura noite de Verão. A Lua, antiga e pálida, brilhava sobre o promontório de Dragon Head, do outro lado da baía, e o ar estava calmo. Estava tão calmo que Lewis reparou que nem uma folha bulia no topo da árvore mais alta que se recortava contra o céu. No entanto, sabia que estava a ouvir algo que não conseguia definir. Não era o vento a passar pelas folhas, nem o suave marulhar das ondas a bater nas rochas, esse último som conseguia ele distinguir facilmente. Mas havia algo mais. Não se podia dizer que fosse propriamente um som; era como se o próprio ar se agitasse e ondulasse, tal como se agita numa igreja quando o grande pedal do órgão é pressionado.

O médico escutava atentamente. Não era uma ilusão, o som não estava na sua cabeça, como por momentos suspeitou, mas por nada deste mundo era capaz de descortinar de onde vinha ou o que era. Fitou a noite que cobria os terraços do seu jardim, agora amena com o aroma nocturno das flores, tentando espreitar por cima das copas das árvores, através do mar, na direcção de Dragon Head. Lembrou-se de súbito de que aquela estranha vibração no ar poderia ser provocada pelo barulho longínquo de um avião. Apesar de não poder distinguir esse monótono zumbido, talvez o som pudesse ser causado por um novo tipo de motor. Um novo tipo de motor? Provavelmente, tratava-se de um avião inimigo, e o seu alcance, se assim se pudesse dizer, era cada vez maior. Lewis estava prestes a chamar a atenção de Remnant para aquele barulho, para a sua possível causa e para o perigo que poderia pairar sobre eles, quando viu algo que lhe cortou a respiração, algo que o deixou verdadeiramente boquiaberto e também um pouco aterrorizado, fazendo com que seu coração batesse mais depressa.

Ele tinha estado a olhar para o céu, e quando se preparava para falar com Remnant, baixou o olhar por uns instantes. Olhou na direcção das árvores do jardim, e observou, com estupefacção, que uma delas tinha mudado a sua forma nas poucas horas que tinham passado desde o pôr-do-sol. Havia uma densa alameda de azevinhos que confinavam com o terraço inferior e, por cima destes, erguia-se um enorme pinheiro que estendia a sua copa de escassos e escuros ramos em direcção ao céu.

À medida que Lewis relanceava os olhos pelos terraços, reparou que o enorme pinheiro já lá não estava. No seu lugar erguia-se, acima

dos azevinhos comuns, aquilo que podia ter sido um azevinho arbóreo<sup>8</sup>. Via-se também a sombra escura de uma densa folhagem que se erguia como uma nuvem ampla e redonda, e que se espalhava rapidamente sobre as outras árvores mais pequenas. Aqui estava uma visão totalmente incrível, impossível mesmo. É duvidoso se o funcionamento do cérebro humano em tais situações foi alguma vez analisado e registado, e é duvidoso se alguma vez o poderá ser. Também não é muito justo evocar um matemático para esta equação, uma vez que ele só trabalha com a verdade absoluta (ou até onde a mortalidade pode ser considerada uma verdade absoluta); mas como se sentiria um matemático se subitamente fosse confrontado com um triângulo de dois lados? Suponho que se tornaria de imediato num homem irado, e Lewis, que olhava de olhos esbugalhados para aquela árvore escura que aumentava de tamanho, e que a sua própria experiência lhe dizia que não pertencia ali, sentiu por um instante aquele choque que nos afrontaria se percebêssemos a intolerável antinomia do paradoxo de Aquiles e da tartaruga. O senso comum diz-nos que Aquiles ultrapassaria a tartaruga num ápice, quase com a velocidade de um raio. A inflexível verdade da matemática assegura-nos que, enquanto a Terra continuar a rodar e o céu existir, a tartaruga estará sempre em vantagem, e por isso nós deveríamos, simplesmente e com todo o decoro, enlouquecer. Porém, não enlouquecemos, porque, graças a Deus, sabemos que, em última instância, toda a ciência é uma mentira, mesmo a mais iluminada de todas; e assim esboçamos um sorriso ao paradoxo de Aquiles e da tartaruga, sorrimos ante a teoria de Darwin, ridicularizamos Huxley e rimo-nos de Herbert Spencer.

O Dr. Lewis não sorria. Olhava fixamente para a escuridão da noite, para a grande árvore que crescia e que ele sabia que não podia estar ali. E à medida que fitava o que à primeira vista parecia uma sombra negra de folhagem, reparava que esta estava ornamentada com umas magníficas luzes coloridas que faziam lembrar estrelas.

Mais tarde, confidenciou-me:

— Lembro-me de ter pensado para mim próprio: Bem eu não estou a delirar, a minha temperatura está normal, e também não estou bêbedo, só bebi uma garrafinha de meio litro de *Graves* ao jantar, e isso já foi há três horas. Não ingeri nenhum fungo venenoso e também não tomei mescalina por motivos experimentais. Por isso, o que é que está a acontecer?

---

<sup>8</sup> O azevinho arbóreo pode alcançar uma altura de 8 a 10 metros, logo bem mais alta do que a do azevinho comum.



A noite perdera o seu brilho, as nuvens obscureciam a Lua pálida e as estrelas indistintas. Lewis levantou-se, fazendo a Remnant um gesto de aviso para que se abstinésse, pois estava consciente de que este olhava para si boquiaberto. Atravessou a porta envidraçada, dirigiu-se ao pátio e olhou atentamente para a sombra escura da árvore que estava mais abaixo, no declive do jardim sobranceiro às ondas do mar. Pôs as mãos em concha ao lado dos olhos, tentando diminuir a luz que o candeeiro por trás dele irradiava.

A enorme árvore (a árvore que não podia estar ali) recortava-se contra o céu, mas não muito distintamente, agora que as nuvens tinham aparecido e os seus contornos, a orla da sua folhagem não era assim tão perceptível. Lewis pensou ter detectado nas folhas uma espécie de agitação, apesar de não haver vento. Era uma noite na qual se poderia acender um fósforo e vê-lo arder sem nenhuma agitação na chama.

— Sabe — disse Lewis — como às vezes um pedaço de papel paira por cima das brasas antes de voar pela chaminé, e como pequenas faúlhas o atravessam. Vista à distância, era essa ideia que dava. Eu vi apenas fios de luz amarela, faúlhas, depois o faiscar de um rubi, não muito maior do que a cabeça de um alfinete, e um brilho verde que vagueava pelo fundo preto, como se uma esmeralda estivesse a trepar por ali acima, por fim, pequenos filamentos de um azul forte. «Ai de mim!», disse para mim próprio em galês. «O que é que são todas estas cores e brilhos?»

»E então naquele preciso momento ouvi uma batida forte na porta da sala. Era o meu criado que batia para me avisar de que eu tinha sido chamado imediatamente a Garth, pois o velho Sr. Trevor Williams estava em estado crítico. Eu sabia que o seu coração era fraco, por isso parti imediatamente e deixei Remnant a tentar deslindar o que se teria passado.

## **6. O Raio Z do Sr. Remnant**

O Dr. Lewis ficou retido durante algum tempo em Garth. Já passava da meia-noite quando regressou a casa. Dirigiu-se prontamente à sala com vista para o jardim e para o mar, abriu de par em par as portas envidraçadas e perscrutou a escuridão. Ali estava, sem sombra de dúvida, o enorme pinheiro, indistinto contra o céu encoberto, com os escassos galhos erguidos bastante acima das densas árvores de azevinho. Os estranhos ramos que o fascinaram tinham desaparecido, não havia agora vestígios de cores ou de luzes.